



Coordenação-Geral de Comunicação Social

Clipping 54/18- Sexta-feira, 23 de março

Jornal A Crítica

Capa - 03

Recessão na Venezuela afeta as vendas da ZFM - 04

Jornal do Commercio

Coluna Follow-Up Empresarial: Agenda Amazônia: a pauta em partilha- 05



EXPORTAÇÕES PÁGINA A3

Recessão na Venezuela afeta a ZFM



Indústria > Comércio Exterior

Um dos ingredientes que contribuíram para o agravamento da crise na Zona Franca de Manaus nos últimos anos foi a degradação econômica e social da Venezuela, que há dois anos era o principal destino das exportações do Polo Industrial.



Alternativas

Com a perda da Venezuela como comprador, fábricas do Amazonas buscaram outros destinos, como Colômbia e Argentina.

45%

das exportações

Atualmente, Argentina e Colômbia são as principais compradores do PIM.

Recessão na Venezuela afeta as vendas da ZFM

País vizinho que respondia por mais um quarto das exportações da Zona Franca, hoje tem participação de apenas 2,1%

LARISSA CAVALCANTE
economia@acratica.com

A crise econômica na Venezuela está afetando o comércio exterior do Amazonas. Em 2015, o País vizinho era o principal destino dos produtos da Zona Franca de Manaus, responsável por 25,52%, e no levantamento do primeiro bimestre deste ano, divulgado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), a Venezuela ocupa a décimo segundo posição dentre os países compradores registrando apenas 2,11% de participação nas exportações.

De acordo com o gerente do Centro Internacional de Negócios do Amazonas (CIN-AM), departamento vinculado à Federação da Indústria do Estado (Fieam), Marcelo Lima, o maior volume de exportação para Venezuela era o extrato de concentrados de refrigerantes distribuído pela empresa Recofarma.

"As exportações para a Venezuela estão estáveis. O primeiro bimestre apresentou variação de 39,41% saindo de US\$1,925 milhões em 2017 para US\$2,683 milhões. Com o agravamento da crise no país, a Recofarma redirecionou suas vendas para Colômbia que hoje ocupa o segundo lugar no ranking dos países exportadores. Esse acréscimo é em virtude da exportação dos concentrados, embora empresas da Colômbia sejam compradoras de componentes para duas rodas, lâminas de barbear, cangas e aparelhos elétricos", explicou Lima.

O polo de concentrados da Zona Franca de Manaus é responsável por mais de 30% das exportações, com faturamento anual de R\$ 548,8 milhões e geração de 14 mil empregos diretos, chegando a 70 mil toda a cadeia produtiva. O polo está ameaçado por conta da mudança no enquadramento da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), regras para fabricação de bebidas no PIM.

Segundo Lima, o empresário brasileiro está recesso de exportar para Venezuela e alguns alegam que o país não dispõe de credibilidade para negócios internacionais.



Edmundo Soteras

Atualmente Venezuela ocupa a décimo segunda posição dentre os países compradores registrando apenas 2,11% de participação nas exportações.

Destaque

A Certificação de Origem Digital (COD Brasil) atesta a origem do produto e é emitido por exigência do importador do acordo com as regras do país de destino. A certificação permite competitividade nos preços e fomento ao mercado internacional.

"Eles estão com um pé atrás. A orientação que damos é para o empresário não ficar no prejuízo e realizar o processo por meio de uma carta de crédito ou pagamento antecipado. Temos conhecimentos de empresas que exportaram para o país, sem a devida orientação, e não receberam o pagamento", frisou.

Na avaliação do gerente é preciso recuperar essa parceria econômica para não deixar de atender o mercado consumidor do país. Ele destaca a necessida-

de de uma política de comércio que apresente garantias de negociações para o importador e a empresa exportadora da Zona Franca por conta da moeda do país vizinho.

Os dois países para onde mais vendemos os produtos da Zona Franca de Manaus são Argentina e Colômbia, correspondendo a 45% das exportações, um total de US\$ 56,8 milhões contra US\$49,9 mil em relação ao mesmo período do ano passado. Outras empresas da Polônia, Bolívia, México e Paraguai também foram destino das exportações.

BALANÇO

As exportações do Amazonas fecharam o primeiro bimestre do ano em alta ao registrar US\$ 127,1 milhões, uma variação de 43,52% em relação ao mesmo período em 2017 quando comercializou US\$88,5 milhões. Entre os períodos, o Estado exportou 38,5 milhões a mais. Comparando os números de fevereiro deste ano

Salta mais

>> Importação

Componentes para aparelhos receptores de rádio e televisão ocupam o primeiro lugar na lista de produtos mais importados pelo Amazonas, tendo um crescimento de 61% e um total de US\$ 401,8 milhões no primeiro bimestre de 2018. Em seguida vem as partes de aparelhos de telefonia, que cresceram 23,26%, atingindo a cifra de US\$ 110,3 milhões em importações no período. O óleo diesel ocupa a terceira posição com US\$ 84,5 milhões e um crescimento de 2011%.

(US\$57,1 milhões) com o mesmo mês em 2017 (US\$47,3 mil) o crescimento foi de 20,81%, já em relação a janeiro (US\$69,9) houve retração de 18,33%.

"Esse crescimento é um indi-

Capacitação empresarial

Visando alavancar a produção Madeira na Amazônia, o Centro Internacional de Negócios do Amazonas (CIN-AM) está capacitando empresários locais para exportarem no mercado internacional, incluindo as atividades de exportação e ampliação de seus negócios. Para este ano já estão programados seminários, palestras e treinamentos.

"No projeto Rota Global 17 empresas estão recebendo consultoria assistida para a internacionalização dos produtos fundamentada no diagnóstico da empresa e com

base neste documento será elaborado um plano de ação para o futuro. Mesmo que essas indústrias não tenham experiência nenhuma com o mercado internacional ou com exportação, esta consultoria promove chances reais de inserção no mercado internacional", destacou o gerente executivo do CIN Marcelo Lima.

Empresas do segmento de cosméticos, alimentos, concentrados de bebidas e eletrônicos iniciaram a capacitação que segue até o final de 2018.

do que está havendo reaquecimento da economia. As empresas já iniciaram a produção de televisores para atender a demanda da Copa do Mundo. O processo demanda insumos, por isso o aumento no índice da importação e esse aquecimento deve refletir também nos números das exportações, quando os produtos começarem a ser escoados", analisou Lima.

Blog

Wallace Melreles economista

"Infelizmente, a Venezuela que antes chegou a representar 1/4 de nossas exportações despenhou drasticamente com a crise instalada no país. Essa crise não é de hoje, logo, as empresas já devem ter se preparado e buscam novos mercados. Por outro lado, falta ao governo brasileiro política, plano e ações para ajudar essas empresas a encontrar novos mercados, reforma na legislação aduaneira e destravamento logístico para melhorar o comércio internacional brasileiro.



ro. Continuamos no Amazonas extremamente dependente da Zona Franca de Manaus, falta também política de desenvolvimento para o estado. Temos um

importante complexo industrial (Polo Industrial de Manaus) encravado no meio da floresta amazônica a cerca de 2 a 3 mil quilômetros de distância dos grandes centros consumidores do Brasil e de países vizinhos. Além disso, temos uma das piores formações de capital fixo e logística do Brasil, o que ajuda a limitar o crescimento. Quanto ao comércio internacional, cerca de 97% são importações de insumos, componentes eletrônicos e estruturalmente exportamos pouco para outros países", ressaltou o economista.

Análise

Por Antônio Gadelha PROFESSOR DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Venezuela sem perspectivas de grandes mudanças

Durante a vigência do governo Hugo Chávez, a Venezuela viveu uma situação econômica relativamente confortável, principalmente, pelo fato do país apresentar uma fonte de renda muito forte com a produção e exportação de petróleo.

No caso do Polo Industrial de Manaus que tinha a Venezuela com um grande destino das exportações, comeca a entrar em um processo de degradação social, política e econômica. Com a queda brusca do preço do barril de petróleo no mercado internacional, a economia começou a se deteriorar também por não apresentar uma base industrial

forte. Também o esfacelamento político do país diante das movimentações que vinham ocorrendo pelo opositores que não comungam da ideologia preconizada por Nicolás Maduro.

No caso do Polo Industrial de Manaus que tinha a Venezuela com um grande destino das exportações, comeca a entrar em um processo de degradação social, política e econômica. Com a queda brusca do preço do barril de petróleo no mercado internacional, a economia começou a se deteriorar também por não apresentar uma base industrial

A relação diplomática da Venezuela com outros governos, principalmente, dos Estados Unidos a cada dia se deteriora diante das diferenças ideológicas.

A situação na Venezuela é preocupante pela inquietação política, perseguição aos opositores do regime, processo de migração forçada e isso vai contribuindo significativamente para que o país se distancie. O cenário é preocupante e sem perspectivas de grandes mudanças porque o governo insiste em se manter no poder.





Follow-Up EMPRESARIAL

EDITOR RESPONSÁVEL
ALFREDO MR LOPES*

Sentar para conversar, quando o assunto é futuro, supõe sempre ouvidos atentos, braços abertos e mãos estendidas. Na listagem sugestiva da Agenda Amazônia, já listamos alguns dos embaraços de nosso relacionamento com a União, que fez do Amazonas um exportador líquido de recursos. As verbas constitucionalmente destinadas à redução das desigualdades regionais - ironicamente - são aplicadas em regiões do país mais aquinhoadas com infraestrutura de desenvolvimento. E somente em Manaus, a União recolhe 50% dos impostos federais do Norte. E no âmbito estadual, além de promover a movimentação de 85% do ICMS, o acerto desta contrapartida fiscal aparece nos recursos recolhidos ao poder público do Amazonas - mais de R\$ 1,4 bilhão/ano - que pagam integralmente a UEA (Universidade do Estado do Amazonas), presente em todos os 62 municípios, custeio do Centro de Educação Tecnológica, com mais de 500 mil pessoas treinadas, e finanças as cadeias produtivas do interior e os programas de turismo

e interiorização do desenvolvimento. Somados os recursos do FTI e FMPE, é mais de um bilhão de reais destinados a interiorização do desenvolvimento. Tudo como manda a Lei. Entretanto, até bem pouco tempo, com exceção da AFÉ-AM, essa dinheirama esteve sendo usada no custeio da máquina pública, ou para suprir investimentos da ausência federal. Como reverter essa disfunção de propósitos? Qual o papel da representação parlamentar no encaminhamento desta questão.

Zona de Livre(?) Comércio

A Constituição do Brasil nos confere a condição de Zona de Livre Comércio. Entretanto, os fiscais do Ministério da Fazenda trataram de descharacterizar este direito. A fiscalização da entrada de mercadorias em Manaus, além de inconstitucional é a mais rigorosa do Brasil, e as greves dos servidores da auditoria costumam radicalizar em momentos pontuais do mercado, em que poderíamos recuperar a perda de receita. E nesse contexto de maus tratos podemos listar

alguns abusos. Em alguns portos do país sobram fiscais do Ministério da Agricultura. Os acúmulos de mercadorias retidas por conta disso são um absurdo inaceitável. Temos restrições de toda ordem, fruto do ambientalismo fundamentalista ou apenas da inépcia burocrática que em lugar de proibir poderia estimular os acertos de quem quer fazer e gerar riqueza com inteligência. Nossas rios não tem balizamento, nossa logística de transportes é precária, como é precária a distribuição de energia, e a comunicação de dados e voz a mais cara e lenta do Brasil.

Nossas contribuições

Em vez de reconhecimento somos castigados por nossa contribuição fiscal. Aqui temos 8 mil quilômetros de fronteira para cuidar. Não podemos ficar a mercê do crime e da violência da droga. Não podemos aceitar que o Amazonas seja visto como parte do problema nacional e sim como começo e base das soluções que temos a ofertar. São oportunidades perdidas, benefícios suprimidos para essa juventu-

tude que sucumbe ao tráfico, com nossas famílias ameaçadas pela violência. Somos especialistas em proteger florestas, mas queremos nossos recursos para fazer uma economia pujante com a diversidade de tantos recursos para transformar o caos em alternativas de superação e construção da prosperidade geral.

Não ao "nós contra eles"

Além de prestar contas do que fazemos na contrapartida fiscal - milhões de empregos, proteção florestal e serviços ambientais - a economia do Amazonas pretende descontruir essa oportunista dicotomia do "nós contra eles". Trata-se de artimanha perversa que camufla interesses e mascara os reais problemas do Brasil atrasado, burocrático e cartorial. É enganoso, nesse conceito achar que o mundo se divide entre esquerda e direita, onde direita são os empresários e esquerda são os aiatous das demandas sociais. Acreditamos, com efeito, que o melhor território para iniciar a insensatez dessa separação seja o Congresso Nacional.

E o que, decididamente, importa?

Em vez de nutrir esse conflito obtuso entre Norte-Nordeste de um lado e o resto do Brasil em berço esplêndido, precisamos costurar aproximações construtivas e produtivas. Muita conversa em torno da integração espalha o bem em todas as direções. Afinal, temos recursos humanos e naturais de primeira grandeza e o talento não depende de configurações regionais, étnicas ou culturais. Temos fibras, humanas, vegetais, e no Brasil a biodiversidade precisa mobilizar a diversidade humana e de talentos, de olho na geodiversidade, para virar prosperidade com padrões de sustentabilidade.

Em vez do confronto, a parceria

Precisamos, urgentemente, investir na ampliação das parcerias, prioritariamente locais e decididamente nacionais. Novos atores precisam engrossar a revolta das andorinhas. Só em bloco e em estando de coesão cívica conseguiremos assegurar o verão de um novo sol. Quem tem projetos em andamento ou gestão na academia, quem é

capaz de formular projetos para diversificar, adensar e interiorizar a academia e quando vamos, em mutirão, com transparência e ouvidoria, exigir que os recursos gerados sejam aplicados conforme os expedientes legais que estabelecem os critérios obrigatórios de aplicação.

Aprimorar nossa comunicação

As matérias jornalísticas que demonizam os 8% de incentivos fiscais da Amazônia Ocidental ignoram mais de 2 milhões de empregos que geramos, os serviços ambientais que oferecemos em manter uma floresta quase intacta no Amazonas. Precisamos nos apresentar e dizer que o Brasil não confiscasse 80% dos recursos para P&D aqui gerados para outros fins, alguns obscuros, já teríamos diversificado a indústria local, adensado seu valor com inovação tecnológica e promovido uma revolução tecnológica e um patamar de prosperidade como fez Cingapura. Isso supõe um debate nacional e um acordo político apartidário.

*esta Coluna é publicada às quartas, quintas e sextas-feiras, de responsabilidade do CIEAM. Editor responsável: Alfredo MR Lopes. cieam@cieam.com.br

